

A AMERICA

ASSIGNATURAS
CÓDICE
ANNU... 6\$50.00

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, SCIENTIFICA,
LITTERARIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA
ADMINISTRADOR — FILINTO BALMEIDA

ASSIGNATURAS
PRIMINGAS
ANNU... 7\$00.00

Anno I | Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1880 | Num. 8

A AMERICA

Rio, 5 de Fevereiro de 1880

MEIO CIRCULANTE

Sendo o methodo adoptado nos artigos economicos que temos publicado na 1.ª parte da nossa revista o methodo inductivo, fazemos uma interrupção neste numero para apresentar aos nossos leitores uma noção desse methodo, tirada de um livro publicado pelo autor dos ditos artigos.

Stuart Mill depois de demonstrar para os fins logicos, a utilidade secundaria da definição, a nenhuma do syllogismo, e explicar a formação do axioma, emquanto resultado de observações, chega á sua theoria da indução que é uma obra prima. Segue o humos passo a passo:

« Indução é a operação do espirito pela qual inferimos que o que é verdade no caso, ou casos, que já observámos, é verdade em todos os outros que com os primeiros tem relações ou phenomenos de semelhança. Por outras palavras, é o processo pelo qual concluímos que, o que é verdade de certos individuos de uma classe é verdade de toda a classe, ou o que é verdade em certos tempos é verdade em todo o tempo, dadas as mesmas condições. » (1) Exemplo: Quando dizemos que todo o homem é mortal, é porque sabemos por experiencia que morreram muitos homens que conhecemos. A indução comprehendendo a mortalidade do homem, isto é, dois factos geraes successivos. A experiencia observou uma porção de phenomenos semelhantes entre si, generalisou-os e chamou — mortalidade — a uma classe, e — homem — a outra classe.

(1) Stuart Mill.

A experiencia é o instrumento para a descoberta da verdade. Mas qual é a prova para conhecer-se do successo real da descoberta? É a propria experiencia. O empirismo prova o resultado da observação. Quando conhecemos dois phenomenos, um antecedente e outro consequente, pela lei de semelhança, aggregamos mentalmente a estes outros que venham ser do mesmo caracter, e se achamos outros dois ou mais, os generalisamos tomando por base as relações constantes que os ligam. Como sabemos que João, Pedro, Manoel, em suum grande numero de homens morreram, havendo relação de semelhança entre os phenomenos que constituem a vida, os doer que fallaram, dizemos que este morrerá. Mas como as relações que existem entre homem e mortalidade existem para todas os homens seguesse por generalisação, que extinguem-se esses seres organicos.

Mas queres foram as idéas elementares, ou adquiridas pela experiencia, que nos deram essas duas idéas geraes?

Foram os phenomenos particulares de successão e de semelhança.

Na ordem chronologica das impressões que produzem em nossa mente os phenomenos de successão, appareceu primeiro o phenomeno complexo chamado — João — e depois a sua morte, outro phenomeno complexo. O mesmo aconteceu successivamente a Pedro, Manoel, etc., e ás suas respectivas mortes. As relações de semelhança seguiram parallelamente ás de successão e, por meio dellas, conhecemos que tendo morrido aquelles individuos, parecerão tambem os que sobreviveram, visto como entre uns e outros ha as mesmas condições organicas e inorganicas. Daqui gera-se: todo o homem é mortal.

A percepção de um phenomeno objectivo complexo, constitue-se de uma grande variedade de

idéas, impressões e sensações, — outros tantos phenomenos, correspondentes aos que formam o objectivo percebido.

Dadas essas noções fundamentais que constituem a força da theoria inductiva e cujo desenvolvimento acha-se admiravelmente exposto na logica de St. Mill, vamos passar á outra ordem de idéas que tem immediata relação com a economia politica. A classificação das sciencias será pois agora o nosso trabalho.

Em outro lugar dissemos que a primeira tentativa para uma classificação das sciencias foi inaugurada por Bacon. O illustre Chancellor, tendo um successo incompleto, em consequencia do estado scientifico do seu tempo, apenas assentou as primeiras pedras de que Comte aproveitou-se para construir o seu grandioso edificio.

O notavel philosopho positivista começa por dividir todas as sciencias em dois grupos. As que governam os factos elementares da natureza, das quaes dependem não só todos os phenomenos que realisam-se, mas os que podem apparear sob outras combinações: são as abstractas.

As sciencias concretas somente cogitam das combinações particulares de um phenomeno existente, ou como diz Littré, de um *bloc de phenomenes*. Um exemplo tornará claras essas concepções. A existencia de uma palmeira, ou de um sabiá, é o resultado combinado de leis naturaes, physicas, chemicas, biologicas até astronomicas. Essas leis são do dominio das sciencias abstractas. as concretas só comprehendem as duas diversas combinações — palmeira e sabiá. « Em summa, diz Comte, as sciencias concretas dominam os seres ou objectos, como grupos de phenomenos em combinação, as abstractas dominam as leis de formação ou combinação delles. »

Herbert Spencer, porém, que está sempre em antagonismo com o Philosopho Positivista, menos sobre aquellas verdades cuja descoberta reclama para os pensadores inglezes, ainda desta vez repelle essa primeira divisão, ou melhor, emprega os termos — *abstracto e concreto* — em sentido diverso do de Comte. Assim chama elle sciencia abstracta a que comprehende verdades ideaes, como as geometricas; ou comprehendidas pela experiencia sem que todavia sejam percebidas, como a lei de inercia. St. Mill deixando de lado a significação logica ou philologica dos termos, acha mais profunda e vital a distincção de Comte, por que Spencer classifica as verdades, não segundo o seu objecto ou relações mutuas, mas se-

gundo o modo insignificante por que as percebemos. (1)

Abracamos tambem nós, portanto, a distincção capital do Philosopho Positivista.

E' tardio o desenvolvimento das sciencias concretas porque dependem das abstractas, cujas leis devem ser primeiro conhecidas. Abandonando, pois, as concretas por não terem ainda uma constituição definitiva, visto como ainda acham-se em vias de formação, teremos de classificar as abstractas.

A concepção fundamental positiva na classificação das sciencias, é que estas, na sua evolução genesiaca, filiam-se umas ás outras no sentido de uma generalidade decrescente. Eis como está applicado esse principio. Comece dividindo as sciencias abstractas em seis classes: 1.ª Mathematicas (numero, geometria e mecanica), 2.ª Astronomia, 3.ª Physica, 4.ª Chímica, 5.ª Biologia, 6.ª Sociologia, — explica que as Mathematicas têm, por dominio leis mais gerais do que a Astronomia, esta mais do que a Physica, e assim por diante até a Sociologia cujas verdades particulares só tem por objecto os phenomenos sociaes. Como se vê e como dissemos, foi o desenvolvimento historico o plano sobre que Comte descreveu a sua classificação. Elle não contesta que ha uma unidade e uma dependencia crescente entre as sciencias, consideradas sob o ponto de vista da sua constituição final, isto é que, por exemplo, o conhecimento das leis sociologicas dependa de todas as outras, o que affirma somente é que, em seu desenvolvimento empirico, as primeiras tem uma mais vasta area do que as outras, que vão se restringindo.

Herbert Spencer, porém, tomando para animar o seu programma organisador a constituição scientifica final, sobre ella desenvolve toda a sua classificação. As razões que expando para attacar a theoria comteana, foram, parece-nos a nós, victoriosamente destruidas por Littré. (2)

Mas perguntamos: Como é que Spencer tendo desprazado a evolução historica, como plano em que se deve organizar as sciencias, abraça a todavia, quando relata a progressão genesiaca que emprega o espirito humano para descobrir as leis que constituem as sciencias? (3) Ha ahí contradicção.

(1) St. Mill Comte e o Positivismo — nota á pag. 31.

(2) Littré Comte e a Philosophia Positiva, pag. 285.

(3) Classificação das sciencias, edição franceza de 1872, pag. 138.

Póde-se dizer com Littré, « a generalidade de crescente de Comte corresponde á historia da sciencia, enquanto que a generalidade crescente de Spencer applica-se ao ensino dogmatico. » (1)

Abraçamos a classificação de A. Comte porque mais facilmente ensina-nos a resolver as questões de que vamos tratar.

Para chegar-se ao conhecimento das leis menos geraes é necessario conhecer-se as mais geraes. Assim como para a percepção das leis astronomicas precede o conhecimento das mathematicas, para chegar-se ao conhecimento das sociologicas, é de necessidade capital que já se tenha em mente a sciencia das leis que formam o resto da classificação adoptada. Contesto isso Spencer quando tratou de methodisar a ordem scientifica, mas abraçou quando descreveu as evoluções porque passa o espirito humano na percepção das leis.

Saint-Simon não comprehendendo essa verdade, tentou descobrir leis sociologicas sem preparar-se com as fundamentais, e foi o que causou a dissidencia decisiva que com elle operou Comte que pensava de modo contrario.

A Sociologia tem, pois, dependencias irrompiveis com as outras sciencias.

Ha entre os homens em sociedade uma variedade numerosa de relações que agrupam-se sob certos nomes, conforme a semelhança de phenomenos que as caracterizam. O direito em todos os seus ramos, a politica, a moral em todas as suas manifestações, a industria, o commercio nacional e internacional, a arte em todas as suas irradiações, a navegação a economia politica, são partes constituintes da Sociologia e como taes não só dependem, uma das outras, como de todo o resto da cadeia scientifica abstracta.

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARCE

Caixas economicas, caixas economicas escolares, escriptorios d'economias das fabricas e officinas.

(Vide nos. 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7)

VI

Historico das caixas economicas escolares

Segundo o principio de conducta que eu tinha adoptado e recommendado, tudo se fez pela iniciativa local exortante, sem outra acção além da do conselho, mas com a protecção sollicita e

unanime de toda a imprensa franceza, e com a cooperação de um avultado numero de maires, inspectores de academia, inspectores primarios e professores, e de muitas caixas economicas importantes.

Na sessão de 12 de Fevereiro de 1876, da Academia das sciencias moraes e politicas, M. Hypolyto Passy apresentou a quinta edição do *Manual das Caixas economicas escolares em França*, em um relatorio resumido nestes termos pelo *Journal officiel*:

«O sábio acadêmico nos recordou, com um sentimento patriótico, que a idéa das Caixas economicas escolares era uma idéa franceza, posta em execução por ensaios isolados em algumas localidades do nosso paiz, ha uns quarenta annos; mas que esta instituição recebeu recentemente uma forma muito engenhosa, simples no mechanismo e de operação segura ao mesmo tempo; é da Inglaterra e da Belgica que M. de Malazez nol-a reimportou, por assim dizer, em seguida a uma missão de que a seu pedido, fôra encarregado pelo ministerio do commercio em 1871. Graças ao concurso de um grande numero de administradores e de professores, e com o assentimento dos ministros da agricultura e do commercio, das finanças e da instrucção publica, elle conseguiu, agindo pela via da livre iniciativa e appellando para as dedicações completamente voluntarias, estabelecer já a fundação em França de mais de 1.500 caixas economicas escolares, todas dirigidas por homens de boa vontade, e que por isso mesmo tão bem funcionam satisfactoriamente; ellas mostram já resultados moraes consideraveis... M. Hypolyto Passy, com o alcance de vista do homem d'Estado de longa experiencia, fez sobresahir esta observação: que é muito difficil, e algumas vezes impossivel, modificar os habitos dos operarios adultos, e de converter ao espirito de previdencia, á pratica da economia, homens já formados por outros costumes; mas que o uso da ordem, da sobriedade, da economia, inculcada na creança sobre os bancos da escola, é o meio mais efficaz para preparar as gerações novas consideravelmente melhoradas no seu estado material e moral. E' preciso, pois, disse M. Hypolyto Passy, terminando o seu relatorio á Academia, felicitar M. de Malazez pelo successo de seus esforços, e induzi-lo a proseguir uma obra que se tornará

(1) Littré. Comte e a Philosophie Positive.

« cada vez mais fecunda para o progresso do bem publico, como do bem privado. »

Os esforços continuaram, e tiveram estes resultados que, de 1874 a 31 de Dezembro de 1877, a instituição das Caixas economicas escolares foi introduzida em 76 departamentos; e que, para 60 departamentos, donde se receberam estatisticas completas e devidamente certificadas até á data de 31 de Dezembro de 1877, o numero das escolas dotadas com este ramo de educação era de 8.083; o numero dos alumnos economicos, 177.040; o numero das cadernetas da grande Caixa economica adquiridas pelos alumnos economicos, 143.272; e o total das economias, 2.961.352 francos.

Muitas Caixas economicas tem contribuido para as despesas miudas das Caixas economicas escolares fornecendo-lhes os pequenos impressos de contabilidade; e um numero importante de conselhos geraes e de conselhos municipaes votaram creditos para o mesmo fim, como para conferir medalhas e fornecer bons pontos-centessimos. Os conselhos geraes e os conselhos municipaes, que tomaram assim um interesse positivo na instituição, recebem das autoridades competentes, relatorios annuaes que os habilitam a apreciar os progressos e os resultados moraes das Caixas economicas escolares. E são sobretudo esses resultados moraes, que cada vez melhor se manifestam, que têm tão profundamente interessado as autoridades escolares em favor d'esta instituição.

Na ultima sessão dos 49 conselhos geraes, o prefeito, o inspector da academia, o presidente da commissão departamental, ou o conselheiro geral relator da commissão das finanças ou da commissão da instrução publica, e muitas vezes grande parte d'essas autoridades conjuntamente, apresentaram relatorios muito affirmativos em favor das Caixas economicas escolares, pondo em evidencia os resultados da experiencia local, verificados nas Caixas economicas dos departamentos.

N'esses preciosos testemunhos, os prefeitos e os inspectores da academia relatam mais especialmente as observações intimas e quotidianas dos professores, dos inspectores primarios e dos delegados cantoneaes; os conselheiros geraes tornam-se, por outro lado, os interpretes da opinião publica, sobretudo das familias dos alumnos, e todos accordam em reconhecer antes de tudo « que os resultados obtidos são de natureza para

chamar a attenção tanto dos moralistas, como dos economistas, pela influencia que exercem na moral dos alumnos, os costumes de ordem, de contabilidade regular, de sobriedade, de resistencia ás atrações futeis ou inconvenientes », — para empregar os proprios termos de alguns dos relatorios.

Esses relatorios provam em seguida que a Caixa economica escolar não é verdadeiramente educadora e mesmo praticavel senão com a condição de seguir exactamente, sem o alterar, o methodo que foi estabelecido e funciona com successo desde 1874 em mais de oito mil escolas de França.

O methodo, sabe-se, foi formulado em 1874, depois dos estudos profundos dos diversos processos consagrados ou condemnados pela experiencia nos paizes onde a instituição tinha já sido posta em pratica, especialmente na Alemanha, na Italia, na Suissa, na Hungria, na Belgica e na Inglaterra.

Esta opinião dos conselhos geraes, seja sobre a influencia moral reconhecida das caixas economicas escolares, seja sobre o valor do methodo, é unanime sem excepção alguma.

(Continua)

A LIBERDADE RELIGIOSA

Eu nunca o occultei, senhores, e vós ahí estaes para o dizer, hoje que não necessito mais, como em outro tempo, do vosso testemunho; nunca cessei de reconhecer e de proclamar que o catholicismo entrava em grande parte, na principal, talvez, no thesouro das nossas glorias. Pessoa alguma admira mais do que eu esses escriptores, taes como Affonso X e Santo Izidoro, que compuzeram a Encyclopedia de seu tempo; esses poetas que cantavam — *O Magico maravilhoso* ou a *Estrella de Sevilla*; essas Universidades, Salamanca e Alcalá, que levavam ás nuvens as grandezas da Renascença; esses pintores que, taes como Juan de Juanes, alliavam a correcção da escola florentina á verdade da escola hollandeza, e que nos mostravam quer seja nas trevas os *Penitentes* de Rivera, quer seja na luz as *Virgens* de Murillo; ninguém celebra como eu a epocha em que o mar parecia crescer á sombra do pavilhão hespanhol, e estender-se para repetir o nosso nome aos dois hemispherios; epocha em que, achando o planeta muito estreito ao nosso

arreio, nós o alargavamos com um impeto sem igual, para que elle pudesse conter a nossa gloria. Mas, senhores, é um engano historico, opposto ao caracter da nossa raça, aquelle de attribuir ao catholicismo unicamente esses monumentos indestructiveis. A tribuna hespanhola não deve ouvir taes palavras. Tambem, não foi um Hespanhol o primeiro barbaço que obteve posição e dignidade de Roma a soberba? Não eram Hespanhoes esses imperadores que, fechando a era funesta da tyrannia de côrte, abriram a epocha gloriosa dos Antoninos e dos Marco-Aurelios.

O primeiro poeta epico do imperio foi um Hespanhol; Hespanhoes tambem foram o seu primeiro rhetorico e o seu primeiro philosopho. Fomos nós que, na idade media, ensinamos a agricultura e a hydraulica; nós que revestimos a Europa em farrapos com o nosso panno e a nossa seda; nós que demonstrámos os principios chimicos, de que se aproveitou, tantos seculos depois, Lavoisier; nós que, muito antes de Foricelli, adivinhámos o peso do ar; nós que propagámos a pharmacia e a medicina na Europa; é uma gloria hespanhola esse Maymonida que, no Egypto, aperfeiçoou as sciencias naturaes, e revelou a Alberto o Grande as provas da existencia de Deos; hespanhola tambem a gloria de Averroes, que civilizou o meio-dia da Europa e o foi o mestre dos escolasticos; hespanhola ainda a gloria de Sahal, denominado o poeta da alegria inextinguivel; gloria hespanhola esse Alhacen, discipulo das escolas de Cordova e de Sevilha, que ensinou as primeiras noções de optica; glorias hespanholas, essas poetizas taes como Sobeyra e Velada, que perfumavam com seus suspiros as risas silvestres dos montes de Cordova; gloria hespanhola, esse illustre Albucasis que aperfeiçoou a cirurgia; gloria hespanhola Gebar, que, sobre a Giralda de Sevilha, edificou os primeiros observatorios astronomicos, herdeiros das tradições scientificas de Alexandria; glorias andaluzas, de um brilho eterno, repetidas em todos os idiomas, admiradas por todas as idades, como para provar que o genio é o fructo da nossa raça, do nosso temperamento, o reflexo da nossa luz divina, do céu incomparavel que illumina a fronte privilegiada da Hespanha. (Grandes applausos.)

E digo-vos, senhores, porque quero mostrar-vos que a grandeza obtem-se sempre melhor pelas idéas progressivas do que pelas idéas da

reacção, melhor pelo espiritualismo do que pelo fatalismo, todas as vezes que a nossa raça, livre do tempo e das circumstancias, empregar as suas forças, a sua intelligencia e os seus costumes em obras dignas d'ella. Mas estudando a nossa historia sem paixão encontra-se n'ella (e é esse o reverso das nossas glorias), encontra-se, repetimos, um mal sem remedio. Aqui, na Hespanha, todos, eu digo todos, preferem o seu partido á propria patria. Os annalistas contam que no começo da guerra das Flandres, Philippe II, de joelhos perante um crucifixo, exclamou: « Pereçam estes Estados, pereça a herança de meus avós, pereçam as minhas proprias conquistas, antes do que eu aqui soffra, Senhor, um unico heretico que não te adore como eu mesmo te adoro! » Ah! essas palavras mudam segundo os tempos, mas ellas ficam sempre no fundo da consciencia hespanhola, e toda a nossa historia conservou um gosto amargo. Oh! o terrivel, o espantoso erro! A minha seita antes da minha patria! eis aqui o que se ouve de todos os lados. D'ahi essa guerra, guerra animal, tenho eu dito muitas vezes, que põe em rixa os partidos, todos intolerantes, todos intransigentes, guerra onde uns e outros se mancham por inacreditaveis calumnias, perseguem-se com odios inexpiáveis, abysmam-se finalmente em uma commun exterminação. O demagogo do meio-dia não se inquieta se a bandeira vermelha, que nação alguma nunca registou, nem reconheceu, se essa bandeira tanta contra a dignidade, a honra, a autonomia, a independencia da patria; e da mesma maneira o montanhez do norte pede a benção do seu cura, o casto beijo de sua mãe ou de sua mulher antes d'ir, com a erpingarla na mão, matar os liberaes, como seus avós matavam os Turcos e os Judeus.

(Continúa)

A QUESTÃO SOCIAL

Relatorio apresentado ao Congresso de Lausanne, em 27 de Setembro de 1871

por GH. LEMONNIER

(Continuação)

O problema encarado d'este modo é pois resumido n'estes termos: pôr todo o trabalhador em estado, não somente de discutir seu contrato, mas de dar á sua pessoa todo o desenvolvimento, todo o valor que pôde adquirir.

Vê-se aqui claramente que no dia em que, pelo effeito incessante da semelhança de educação e instrução, todo o trabalhador se rá collocado face a face com todo o proprietário sobre um pé de perfeita igualdade, o capitalista cessará de dictar a lei, e será naturalmente forçado, pacificamente, sem violencia, pelo simples exercicio da liberdade, a consentir em uma serie de transacções cuja tendencia inevitavel, será de multiplicar sem cessar o numero de pessoas que, reunindo, ao mesmo tempo, a dupla qualidade de capitalista e de trabalhador, formará o verdadeiro nucleo da sociedade transformada.

Não é unicamente debaixo da relação do valor industrial, commercial, agricola, scientifico, artistico dado ao individuo que deve ser considerada esta diffusão universal da educação e da instrução, é necessario attender tambem à elevação do nivel moral.

A differença de riqueza não é hoje a causa a mais efficaz da desigualdade entre os homens; a differença de habitos, de costumes e de conhecimentos é o que separa mais, mantem a exploração do homem e forma o principal obstaculo à pratica da igualdade.

Quando o verdadeiro thesouro publico, eu entendendo o thesouro dos conhecimentos, das ciencias, das tradições, for abento, accessivel, distribuido cada dia a todos e a todas, as classes desaparecerão, o nivel se estabelecerá, não ficará mais, de pessoa á pessoa, sendo as differenças legitimas, as differenças do valor individual.

Já que o regimen da liberdade tem por traducção economica o regimen dos contractos, isto é, da propriedade, a justiça quer que os contractantes sejam postos, tanto quanto possivel, em estado de discutir sobre o pé da igualdade as condições de sua convenção.

Já que a legitimidade do interesse, da venda, do salario é a consequencia necessaria do principio da propriedade que nós declaramos a pedra angular do mundo economico, é uma consequencia forçada pela justiça que o que pede emprestado, o empreiteiro, o assalariado sejam postos, por uma instrução completa, em estado de

conhecer, reivindicar e fazer valer seus direitos.

E' preciso pois que sob a dupla relação dos conhecimentos adquiridos e da dignidade moral, todo o trabalhador e todo o capitalista estejam, de facto e de direito sobre um pé de perfeita igualdade; a universalidade e a identidade da educação e da instrução podem sós executar esta transformação.

Insistimos para bem determinar o caracter que deve ter esta instituição da liberalidade universal da educação e da instrução leigas. Ella é a consequencia directa do proprio principio da propriedade; ella é o resgate, ou para empregar um termo menos duro, ella é a compensação, o equivalente da propriedade adquirida; ella é a transformação do direito ao trabalho. Ella é pois a garantia e a condição da paz publici.

A consequencia d'este caracter reconhecido à instituição social da liberalidade da educação e da instrução, é que os dispendios são devidos, e devem ser suportados pelos proprietarios e não pelos não-proprietarios.

Isto nos leva a dizer uma palavra acerca do imposto, do qual sentimos que os limites d'este trabalho nos erpeçam de fallar mais longamente.

Sabemos muito bem que a solidariedade que une todas as partes do edificio economico faz que o imposto, sobre qualquer ponto que elle seja tirado d'antemão, tendo sempre por effeito de desviar, para fazer uma certa applicação, uma parte das riquezas existentes, o effeito se faz sempre sentir à todas os membros do corpo social; mas não é menos verdade que, sendo feito directamente sobre a porção do rendimento liquido que permanece ás mãos do proprietario, ou sobre o preço o mais elevado por que o trabalhador paga as cousas de seu consummo, o imposto fere mais ou menos o trabalhador e impede mais ou menos a formação do capital em suas mãos.

Não hesitamos, por consequencia, em dizer que a liberalidade da educação, da instrução, sendo uma divida da propriedade e do capital, a razão quer, não menos que a justiça, que esta divida se pague por meio d'um imposto feito sobre o rendimento

(Continúa.)

A IGREJA E A INSTRUÇÃO

V

Universidades

No anno de 1136, o padre Abeilard, funda uma escola de dialectica.

Essa escola collocada sobre a montanha santa Genoveva, não é outra senão a *Universidade de Paris*. A essa universidade como ainda assim a todas aquellas que foram creadas em seguida, os estudantes eram admittidos gratuitamente. Guilherme de Fhierry dá-nos conhecimento de que as novas lições de Abeilard «atravessavam as provincias e os imperios».

Bem depressa, porém, como se Deus tivesse querido, por um grande e novo exemplo, provar a fragilidade da sciencia humana, a Igreja desconfiou, bem depressa, que Abeilard professava uma doutrina heretica.

Para julgar essa doutrina convoca-se um synodo, e esse synodo, que teve lugar em Sens, verifica a heresia (1140).

Condemnado pelo papa Innoçencio II a ser detido em um convento, Abeilard foi encarcerado em Cluny.

Pouco tempo depois, porém, esse homem illustre reconheceu o seu erro e foi reconciliado com a Igreja. Elle morreu no convento a 21 de Abril de 1142.

Pouco antes da creação da Universidade de Paris, uma escola de Direito fôra, em 1111, creada em Bolonha por Irnerio. Essa escola tornou-se, ficando assim muito tempo, o centro do movimento juridico.

No commeco do seculo XIII, terminou-se a guerra dos Francezes contra os Albigeois, (a Oeste das Cevanas, governo do Languedoc).

A 12 de Abril de 1229, sob o portal da Igreja de Nossa Senhora de Paris, foi assignado um tratado de paz. Os dois principes signatarios eram Raymundo VII, conde de Tolosa, e Luiz IX, rei de França.

Sob a alta influencia do delegado do Papa, o conde Raymundo aceitou o artigo 9 do tratado, artigo assim redigido: «O conde Raymundo consagrava 4 000 marcos (de prata) para subvenção de doze professores em Tolosa. Esses professores ensinariam: dois a theologia, dois a jurisprudencia, seis as artes liberaes e dois a grammatica. Elles receberão, os primeiros, 50 marcos cada um, os segundos 30 marcos, os outros 30 marcos, e isto durante dez annos.»

Foi assim que se fundou a universidade de Tolosa; o papa, em 1232, confirmou essa creação que devia «fazer florescer a fé catholica no meio dia».

Cedendo ao movimento intellectual que se produzia e que ella mesmo provocava, a Igreja, nas suas escolas, desenvolvia ainda em mais larga escala o ensino «da sciencia profunda».

Em 1233, o synodo de Béziers prescreveu que em cada

convento, houvesse um *magister* encarregado de ensinar a grammatica, e o synodo que teve lugar em Paris, em 1429, precedido pelo arcebispo de Sens, reproduziu essa disposição.

O estudo das *Artes liberaes*, denominado frequentemente o estudo da grammatica, comprehendia o ensino da grammatica, da rhetorica, da dialectica — e algumas vezes tambem das mathematicas, da geometria, da musica e da astronomia.

A physica, isto é a medicina, e o direito civil, estiveram muito tempo em descrédito para com os padres, sendo mesmo excluido do ensino religioso.

Para que essa exclusão se pode justificar.

Com effeito, a physica mesmo nas suas applicações mais uteis, não podia ser o instrumento da regeneração da França, ou, para melhor dizer, do Occidente. Esse padre era reservada às disposições legislativas: não ao direito civil de tal ou tal povoação, de tal ou tal nação, mas ao direito ecclesiastico, direito formado, em parte, das mais sabias disposições do direito romano.

A cleresia regular ou secular, os bens ecclesiasticos e todas as pessoas pertencentes, de perto ou de longe, à Igreja eram sujeitas aos tribunaes especiaes julgando em virtude do direito canonico.

O estudo d'esse direito era pois só necessario; elle foi só regulamentado e mesmo, muito tempo, só authorisado.

O ensino do direito civil não foi approved pela Igreja senão na epocha em que esse direito, desembaraçado em parte das formas impeditas dos primeiros e barbaros costumes, tomou de um lado as leis de Justiniano as disposições que se accordavam melhor com o caracter nacional, e, de outro lado, ao direito canonico, isto é, ao direito ecclesiastico, algumas das regras ou reformas que o tornavam tão desejavel.

Tornava-se ou aperfeiçoava-se o direito escripto ou costumeiro.

PAULO ANTONINI.
(continua.)

ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

A CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. F. DAS NEVES

VII

A povoação de Magud

Está situada à margem esquerda do rio Save, que vai desaguar no *Incôndite*. Era grande esta povoação; tinha cerca de seiscentas palhoas. No centro d'ella havia um grande lago com

quatro magestosas arvores ao meio. Ficavam em frente d'uma larga rua, que se prolongava até ao rio. Era esta rua arborizada de ambos os lados, circumstancia que dava á povoação um aspecto pittoresco. Ali descancei com toda a comitiva, esperando por um secretario que devia fornecer-me as palhotas necessarias. Decorridos vinte minutos appareceu elle, explicando-me que a demora provinha do regulo não estar na povoação. Apromptou-me immediatamente palhotas. Entrando n'uma mandei abrir uma carga e d'ella tirei fazenda para comprar mantimento. Quando a entregava a um preto, appareceu o secretario, acompanhado de treze mulheres, trazendo cada uma um *chernudo* de milho e elle um soberbo cabrito, que o regulo me mandava de presente. Não foi, portanto, necessario mandar comprar mantimento. Brindei o secretario com uma chicara de aguardente, que elle bebeu com tal sofreguidão que entornou mais de metade. Retirou-se lançando um olhar de tristeza para o ponto onde havia cahido o liquido.

Distribui o mantimento pelos pretos, e mandei matar o cabrito, que reparti com os caçadores. Em seguida preparei um presente para o regulo, que constava de trinta peças de fazenda, dez *capelanas*, trinta rosarios de contas azues, dois massos de missanga e uma cabaça com aguardente. Remetti tudo por tres carregadores, acompanhados de Manóva, que se encarregou da commissão com a melhor vontade. Elle tinha a certeza que da aguardente alguma porção lhe tocaria, pois é costume dos regulos d'aquella parte d'Africa não beberem, nem comerem cousa nenhuma, sem que primeiro tire a prova a pessoa que lh'a entregou. A esta prova chamam — *chumbutar*. O Manóva partio já de noite.

Quando acendi a luz appareceu á porta uma legião de pretinhas. Vinham cumprimentar-me. Quatro d'ellas de dezesseis a dezoito annos, casadas com o regulo, entraram com a maior sem cerimonia, sentando-se junto de mim; e após d'estas vieram mais de trinta. A palhota ficou completamente cheia de bellas moças africanas, capitaneadas por quatro jovens matronas, que excediam em formosura todas as donzellas.

Começaram desde logo a dirigir-me muitas perguntas. Depois analysaram-me dos pés á ca-

beça. Uma passava-me as mãos pelos cabellos, pelas barbas e pelas faces, outra mexia-me nos beiços, outras no nariz e ainda algumas, como tinha as mangas da camisa arregaçadas, examinavam-me os braços. Uma d'ellas era admiravelmente formosa. Os olhos eram deslumbrantes. Parecia uma d'essas bellezas privilegiadas das grezas, que fasciam ao primeiro relancear de olhos. Ella era alta, esbelta e de formas excessivamente delicadas. Um sorriso terno, que lhe brincava nos labios, realçava extraordinariamente a sua belleza. Esta gentil creatura tratou-me do braço, encostou-o ao seu mimoso seio e assim o estive analysando. A sua admiração fixava-se principalmente nos caballos, que ali saava brandamente com a mão. Fez-me algumas perguntas, as quaes não soube responder, porque a minha razão sumira-se n'aquelle conjuncto de graças. Afinal pediram-me missanga. Dei um massete a cada uma das mulheres do regulo, e quatro fios a cada uma das pretinhas. Todas agradeceram o brinde e retiraram, fazendo uma algazarra que descabia muito para... a chacata.

Quem nunca visitou o interior de Lourenço Marques dirá, talvez, que exagerei a belleza dos pretos d'aquella parte d'Africa. E' certo que os pretos que se observam na Europa e na America são geralmente feios; deve-se, porém, attender que todos estes procedem das raças mais feias d'Africa. Se este livro fôr lido por alguém que tenha estado em Porto Natal, verá que não exagerei; porque os pretos de raça *Zulu*, de Natal, são tanto ou mais perfectos que os *Blangellas*.

O Manóva regressára de casa do regulo. Mandava-me este dizer, que tencionava visitar-me no dia seguinte pela manhã.

N'esta noite deitei-me mais tarde, por ter assistido a um baile que houve no grande largo da povoação. Os homens dançavam separadamente das mulheres, ora formados em grande circulo, ora em divisões. Dançavam ao som de canções guerreiras, que entoavam com certo primor. As copias das mulheres eram muito variadas. Na dança dos homens entravam todos que estavam na circumstancia de pelear. A mulher idosa só dança por occasião do fallecimento d'algum parente ou pessoa que lhe fosse affecta. E' assim que demonstra o seu sentimento,

Deitei-me depois da meia-noite e levantei-me às seis e meia. Antes de tomar chá, fui ao rio banhar-me. Preparava-me para a imersão, quando vi surgir a medonha cabeça de um enorme crocodillo. Mudei de sitio e fui tomar banho onde o fundo do rio era claro e baixo. Pouco tempo, porém, me demorei no banho. Não tinha nenhum desejo de receber a visita d'um crocodillo. Preferia antes to mal-a às pratinhas.

Cerca das nove horas apresentou-me o Manóva, um secretario do regulo, acompanhado de outro preto, que trazia uma ponta de manim que pesava 42 1/2 libras. Era presente do regulo, em retribuição do que lhe havia enviado. Passado um quarto de hora appareceu elle, acompanhado de muita gente, dirigindo-se á minha palhota. Mandei estender uma esteira, na qual se sentou. Entraram com elle somente o seu secretario grande e tres familiares, que se sentaram ao lado d'elle, mas fóra da esteira. O regulo era um rapaz de 24 a 25 annos. Tomou a palavra em seu nome o secretario grande. Deu-me as boas vindas, ao que correspondi por intermedio de Manóva. Findos os cumprimentos, o regulo, que desde a sua entrada se conservava calado, dirigio-me o seu — *chanane melungo* — que foi o começo de animada palestra entre nós.

Pedi-me que lhe mostrasse a minha espingarda. Acudi promptamente ao seu pedido, prevenindo-o de que estava carregada. Elle gostou muito da arma e pediu-me que l'ha vendesse, offerecendo-me em troca duas pontas do manim de mais de duas arbores cada uma. Disse-lhe que em Lourenço Marques poderia effectuar a transacção, mas não ali, porque não podia prescindir d'elle na viagem.

Entendido na materia se mostrava o regulo, porque, na verdade, a minha espingarda era magnifica. Exibia a bala a grande distancia e com extraordinaria precisão e força. Era uma clavina ingleza de dois canos ralados, de calibre 9 em lib. Matava com ella um ganso a 200 jardas.

Como se tinha fallado em armas e caça, perguntei ao regulo se havia hyppopotamos (cavallos-marinhos) no rio. Disse-me que a distancia de meia legua existia ha muitos annos um enorme, que causava grandes estragos aos povos que possuíam *manchambas* (quintas) nas proximida-

des do rio, porque de noite sahia a terra a comer os milhas. Segundo o dizer do regulo o tal cavallo-marinho era muito matreiro. Desviava-se sempre dos lagos que os pretos lhe armavam. Esta armadilha consiste em uma cova bem funda, que abrem junto ao rio, nos pontos por onde os cavallos-marinhos costumam passar, quando de noite a agua para ir a terra comer. Tapam com cunha a superficie da cova, e depois cobrem com terra o fragil pavimento, que se afunda sempre que sobre elle passa o pesado animal, que assim fica tomado na ratoeira.

Tive logo desejo de ir atacar ao hyppopotamo. Pedi ao regulo um guia, que fosse mostrante o lugar onde elle estava. Não foi necessario. Acompanhou-me pessoalmente os meus pretos e tres caçadores. Gastamos cerca de 30 minutos no trajecto.

Ea e o regulo sentaram-se á beira do rio, e todos os mais pretos, aos quaes recommendei silencio, sentaram-se atrez de nós a distancia de 50 metros.

Não tardou a surgir da agua a enorme cabeça do cavallo-marinho, que para logo se escondeu. Preparei a espingarda. Decorridos quatro minutos, reappareceu no mesmo ponto, olhando para nós. Deu-me tempo de fazer pontaria e atacar-lhe. A bala baten-lhe na testa. Elle levantou toda a cabeça e o pescoco abrindo a disforme bocca, onde cahia em péo homem mais alto, revolveu-se muito e mergulhou. A cabeça do cavallo-marinho é como rocha, a bala não penetrou. De quando em quando apenas deitava fóra d'agua as ventas afim de respirar. Durou isto cerca de uma hora. Occorreu-me mandar sentar todos os pretos á borda do rio, recommendando-lhes que fizessem grande barulho, quando o animal deita-se as ventas de fóra. A idea produziu excellente effecto. Quando os pretos puzeram em pratica, o cavallo-marinho recolheu-se logo, e d'ahi a alguns segundos, foi surgir do lado da minha esquerda. Deitou toda a cabeça fóra d'agua, olhando para os pretos, e commettendo mais a imprudencia de mostrar o cachabo. Sem perda de tempo fiz pontaria e desfechoi. A cabeça começou a submergir-se muito devagar. Era evidente que o animal havia sido mortalmente ferido. A bala penetrara-lhe na

nuca, fôra offen 'ar-lhes o osso que guardecem o cerebro, de que lhe resultou a morte instantaneamente. Havia-lhe atirado a distancia de 70 metros pouco mais ou menos.

Ao verem a cabeça do animal recolher-se mansamente, os pretos exclamaram — *Adél afil!* — (Mortu! morreu). Os tres caçadores vieram até ao pé de mim, aos pulos, felicitar-me pelo acontecimento. Os pretos do regulo dançavam e cantavam de contentamento. Passado tempo appareceu boiando à tona d'agua, o cadaver do cavallo-marinho. Atiraram-se immediatamente ao rio mais de 40 pretos, que o trouxeram aos empurros até ao encalhamen na terra.

Fiquei admirado da sem-ceremonia com que os pretos se lançaram ao rio, sem receio dos crocodilos que ali abundavam. Notei esta circumstancia ao regulo. Elle respondeu-me que eram muitas as victimas, que estes amphibios faziam, especialmente em mulheres que iam buscar agua ao rio, mas que apenas apparece morto ao de cima d'agua algum cavallo-marinho, desapparecem todos metton-lo-se nas tocas, d'onde saem sómente 3 e 4 horas depois.

A comitiva que acompanhava o regulo, compunha-se talvez, de 150 pretos; porém quando o cavallo-marinho chegou a terra, já ali havia mais de 3.000 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Metteram-se á agua, para arrastar o animal para terra, mais de quatro centos pretos; mas apenas conseguiram polo á beira do rio com pouco mais de metade do corpo de fóra.

Era um animal de proporções monstruosas. As pernas eram colossaes; a mandibla e horrivelmente feia cabeça ora do tamanho d'un cavalo; e todo elle dava o volume de doze grandes bois. Certaram primeiramente a mão e a perna da parte de cima. Depois abriram-lhe o ventre e extrahiram-lhe os intestinos; conseguiram então arrastar para fóra d'agua o resto do corpo que fizeram em pedacos. Ficou só inteira a cabeça e o espinhaço, que similhava uma grossa trave.

Comecei a distribuição da carne, sendo primeiro contemplado o regulo com uma porção do lombo, toda a carne d'uma perna e metade das tripas, que elle logo remetia para a povoação. Para os meus pretos foi também uma perna, a outra metade das tripas, coração, fígados e rins.

Reservei para mim e para os meus creados uma porção do lombo. A comitiva do regulo dei uma pá e a quarta parte das costellas. Foi ainda brindado o chefe de uma povoação proxima com a cabeça e o pescoço, sob condição de extrair os dentes e enviar-n'os. O resto da carne, foi distribuido pelo povo que se achava presente.

Concluiu a distribuição para acompanhado do regulo e sua comitiva para a povoação. Reinava ali grande contentamento. Homens, mulheres e crianças, todos assavam carne e comiam. Mandeí preparar o meu jantar, que constou d'arroz cozido com um bocado de rim e de lombo assado em agua temperada com banha do cavallo-marinho. A carne d'este animal é a melhor de toda a caça selvagem. A apparencia e o sabor são os da carne de vacca.

Para entrar o tempo que o jantar levava a fazer, fui passear pela povoação. N'uma rua approximei-me de mim uma preta velha, a qual sem cerimonia nenhuma, me passou as mãos pela cara, dizendo — *Calimambo melungo* — (obrigado branco.)

— O que é que me agradece mulher? disse-lhe eu. — Ah! melungo, você prestou á gente d'esta terra um serviço d'alta importancia, matando o cavallo-marinho. Este feiticeiro devorava todas as nossas sementearas de milho.

Despedi-me da preta, rindo bastante d'ella chamar feiticeiro ao cavallo-marinho. Pouco adiante encontrei á porta d'uma palhota, sentada em uma esteira, com uma criança de dez mezes ao collo, a formosa preta, que no dia entecadente estivera divertindo-se com os caballos do meu brago. Apenas me viu pensou a criança sobre a esteira e veio cumprimentar-me.

Perguntei-lhe por brincadeira, se a criança era filha d'ella. Respondeu-me que sim. Como porém, não visse n'ella nenhum indício de ter sido ainda mãe, observei-lhe que não acreditava. Ella sorrio-se dizendo-me que a criança era filha d'uma irmã, casada também com o regulo, e que por esta razão, era como se fosse sua filha. Quando ella acabava de fallar tocaram-me no hombro. Era o regulo acompanhado d'un rapazito.

— Não é bonita, melungo? perguntou-me elle, lançando um olhar affectuoso para a encantadora africana.

— Admiravelmente formosa; tornei-lhe eu.
— E' minha mulher. Ha dois mezes e mais que
casei com ella. E' irmã da minha mulher grande.

(Continua)

OS SOES OU AS ESTRELLAS FIXAS

III

DISTANCIAS DETERMINADAS DOS MOVIMENTOS PROPRIOS

Comquanto asdoisnomem commummente fixas, as estrellas nã, são absolutamente immoveis. Muitas d'entre ellas tem movimentos proprios, sempre muito pequenos aos nossos olhos, mas muito sensaveis para os astrónomos. Assim, por exemplo, a estrella 61 da Constellação boreal percorre pouco mais ou menos 5 segundos por anno, e a 41 da Constellação Eridano percorre 4. As estrellas mais brillantes tem movimentos proprios que os astrónomos tem apreziado com a maior attenção, e essas observações fizeram co-nhecer que, em geral, as estrellas maiores tem movimentos amplos. Ora, como um movimento qualquer parece tanto mais sensavel pois que se trata de um corpo mais distante, tiramos d'esta consideração um meio que permite apreciar a distancia relativa das estrellas. A regra que se deduzirá não póde ser verdadeira, sendo como média, e por consequencia a sua applicação não poderia ser abalada por alguns casos particulares em que ella se encontrasse imperfecta. Assim, as duas estrellas de que vimos de falar não são, apesar da amplitude de seus movimentos, senão estrellas de mediocre grandesa; mas estas anomalias desaparecem no conjuncto e não impedem que os resultados geraes tenham um grande valor.

Struve discutio esta questão com uma admiravel penetração. Vamos demonstrar os resultados que elle alcançou. 1.º As estrellas mais brillantes tem na média movimentos proprios mais consideraveis; 2.º com grandezas igues, as estrellas duplas têm geralmente movimentos mais pronunciados. A causa physica d'esta singularidade não é difficil reconhecer: a ella reside no impulso excentrico mais consideravel que a sua massa recebe e que a freguê a dividir-se em muitas partes; 3.º dispondo os movimentos proprios das estrellas segundo as suas grandezas, acha-se a tabella seguinte para um periodo de cem annos.

ESTRELLAS SIMPLES

Grandesa	Ass. direita	Declinação
1.	34,2	29,0
2.	18,2	16,1
3.	12,2	10,5
4.	8,7	7,4
5.	6,3	5,3
6.	3,7	3,1
7.	2,2	1,8
8.	1,4	1,2
9.	1,0	0,9

ESTRELLAS DUPLAS

Ass. direita	Declinação
55,5	47,0
30,0	26,1
20,1	17,0
14,4	12,0
10,2	8,6
6,0	5,1
4,5	3,0
2,3	2,0
1,7	1,5

Tomando por unidade o movimento proprio das estrellas de 9.ª gran leza, e calculando as distancias relativas segundo os movimentos medios na ascensão direita e na declinação, obtém-se a tabella seguinte, na qual repetimos os resultados deduzidos das medidas photometricas, affim de facilitar a comparação.

DISTANCIAS DETERMINADAS:

Grandez. das estrellas	1.º dos movimentos propios das estrellas simples	2.º medidas photo- metricas
1.	1,0	1,0
2.	1,3	1,4
3.	2,1	2,0
4.	3,6	3,2
5.	6,1	5,9
6.	8,5	8,2
7.	12,0	11,6
8.	17,9	17,8
9.	33,3	31,8

D'esta tabella resulta que a progressão é extremamente semelhante, não se devendo esperar um accordo mais completo entre elementos tão disparatados. As differenças são de tal forma diminutas, que ellas nunca fazem invadir uma ordem de grandeza sobre a que se segue, o que, em semelhante materia, deve parecer sorprendente. Existe alguma incerteza para os movimentos proprios das estrellas de 9.ª grandeza; isso explica a differença notavelmente maior que se acha nos resultados. Em resumo, e como conclusão, poder-nos-hemos servir de uma ou de outra d'essas series para apreciar as distancias relativas das estrellas, sem risco de commetter um erro consideravel.

Estando solidamente estabelecidos estes principios, vamos servir-nos d'elles para estudar a estrutura do montão estellar no qual está mergulhado o nosso sol, e que, para nós, constitue o céu visivel.

(Continua)

A DUQUEZA EMILIA

POR

ALFREDO DE BRÉHAT

(Versão livre de Mary)

De pais para filhos os Cottello eram couteleiros em Milão. Seu verdadeiro nome de família, completamente esquecido, fora substituído por este que era o da sua profissão.

Em 1812, Lorenzo Cottello foi passar alguns meses em Inglaterra.

Agradando-se de miss Thompson, filha de um rico commerciante, raptou-a, esposando-a na presença do celebre ferreiro de Gretna Green, e partiu em seguida para a Italia, aonde regularisaram o seu casamento.

No leito de morte M. Thompson, reconciliando-se com sua filha, deixou-lhe a sua fortuna, que montava a mais de quatro milhões.

Esta magnifica herança não trouxe felicidade a M. e a Madame Cottello.

Lorenzo, que em Inglaterra tomara gosto pelos cavallos e equipagens, mandou vir de Londres um phaeton, um coche e quatro cavallos de puro sangue. Um dia, que passeiava com sua mulher, os cavallos espantaram-se e tomando o freio nos dentes foram precipitar-se com a ruagem em um profundo barranco.

Lorenzo morreu instantaneamente, sobrevivendo-lhe apenas algumas semanas a sua viúva.

Deixavam duas filhas: Emilia com 12 annos, e Carlota mais nova dezoito mez.s. As duas orphãs, a quem não restavam senão alguns parentes afastados e unicamente do lado paterno, foram conduzidas ao convento de Santa Giovanna para serem alli educadas. Este convento era então para a sociedade milaneza o que é hoje o dos Passados para a sociedade parisiense, e a maior parte das pensionistas pertenciam à aristocracia de Milão.

Graças à sua complacencia, Carlota conseguiu fazer-se admitir pouco a pouco na intimidade de suas companheiras. Com mais idade que sua irmã, e mais activa concentrando todas as suas impressões, Emilia soffria muito. Seu coração, naturalmente meigo e disposto a expandir-se ao sopro carinhoso da amizade, confrangia-se. Faria sido a primeira a fazer esquecer a superioridade de sua fortuna pela sua modestia e desvelos; mas o injusto acolhimento de suas novas companheiras a revoltou. Ella lhes retribuia altivez por altivez, e as suas maneiras desdenhosas com o

mais feroz desprezo, desviando toda a idéa de reconciliação que mais tarde procuraram.

Desanimadas por tal frieza, as moças mais dispostas a seu favor acabaram por abandoná-la ao seu isolamento, cuja causa attribuíam a um sentimento de egoismo e de altivez que bem longe estava do coração de M.^{lle} Cottello.

No fim de algum tempo Emilia chegou a persuadir-se que existia em si alguma coisa que inspirava antipathia e que nunca seria amada.

Os parentes das meninas Cottello, não estando pela sua posição nos casos de apresentá-las na sociedade, entenderam dever tratar de seu futuro procurando-lhes maridos dignos d'ellas e em harmonia com a sua grande fortuna; restava, porém, a difficuldade de proporcionar às duas herdeiras a possibilidade de escolherem.

Os pretendentes não faltavam no entanto. Por diversas vezes apresentaram-se a Emilia partidos convenientes, mas, sob differentes pretextos, a moça rejeitou-os. O thesouro de affeição, que ella guardava em seu coração, não queria dal-o senão ao homem que lhe retribuísse com um amor profundo e exclusivo, ao qual ella pudesse confiar sem inquietação todo o seu futuro.

A desgraçada idéa, que não cessava de atormentá-la, de que não inspirava affeição, e que só era requestada não por ella, mas pela sua fortuna, trazia-a duvidosa e inquieta.

Nada justificava esta idéa, porque Em. lia era formosa. O que, porém, lhe alterava de alguma forma a sua belleza era a quasi imperceptivel contractação que gravavam na sua physionomia os esforços constantes que fazia para dissimular suas menores emoções sob a apparencia da indifferença. Ella tinha os olhos escuros e bellos que se tornavam de magnifica expressão nos raros momentos em que a moça se abandonava aos impulsos do seu coração, negros e formosos cabellos, lindos dentes e o mais adoravel sorriso. Docil e amavel, e muitas vezes simples como uma criança, esse sorriso parecia illuminar-lhe a physionomia dando-lhe um encanto particular.

Havia nos gestos e porte de Emilia, na sua maneira de fallar, uma mistura de hesitação e firmeza, de confiança e duvida; de calma e vivacidade, de indifferença e sensibilidade contida difficil de explicar-se, mas que pode suppôr-se o resultado da luta surda e continua da sua bondade natural com a tenaz desconfiança que a subjugava.

Entre os admiradores de Emilia achava-se um,

o conde Stanopani, que lhe agradava; mas a moça dissimulava tão bem esta pequena preferência que ninguém a percebia.

Costumado a triumphar rapidamente e iludido pela apparente indiferença da menina Cottello, o conde voltou-se para Carlota; e, como esta adorava o ballo napolitano, foi logo tratado o casamento.

Ainda que essa tão brusca mudança tivesse dissipado a ligeira impressão que o conde produzira no coração de Emilia, não deixou, ainda assim, de ser-lhe sensível essa decepção, e sobretudo a falta de franqueza de Carlota. Não lhe dirigio, porém, a menor reprimenda; por essa traizãozinha que no entanto a affligia.

Logo depois do seu casamento, Carlota partio para Napoli, e o conde possuía um magnifico palacio, ficando Emilia no convento.

Dez mezas mais tarde, Emilia escrevia a sua irmã annunciando-lhe o seu casamento.

(Continúa)

UM LIVRO DE MISSA

FRAGMENTO

« Oh! think not my penance deficient »
When dreams of your presence my slumbers beguile.
« To awake will be torture sufficient. »
Lord Byron.

Apanhei-te, querido e santo livrinho; tive a suprema ventura de encerrarte dentro de minhas mãos, de folhear as tuas paginas, de absorver o teu unico perfume, mystico, puro e enebriante, como o aroma indiscreto da mimosa violeta, que, occulta na moita, tralheja ao transeunte, e seduz e arrebatá!... Beijei-te, porque esprendia-se de tuas paginas um hálito de bocca pequenina e perfumosa, e me lembrei do — Sacrifício — que tantas vezes caracterosa a existência penosa e atibulada por paixões suffocadas, por sentimentos que não podem, não devem negar.

Em cada letra tua eu entrava uma imagem, que, afogueando-me a mente, elevava meu coração a um mundo de prazeres que eu chamaria — Paraíso, se realmente, na impossibilidade de alcançá-lo, não o considerasse o inferno do divino Dante, o leito cruciante de Procueto.

Occulta entre tuas paginas de eterna poesia e de ineffável amor o culto, que natural e espontaneamente se depreendem dos lábios do Crente que te soletam as bellezas e as doçuras, existe uma flôrzinha modesta e delicada cujo nome synthetisa o amor na sua mais lata expressão — o amor perfeito.

Oh! que doces e indizíveis sensações não teve minha alma, ao contemplar a flôr que tu, seductora visão de meus sonhos, terás tantas vezes fitado com esses olhos penetrantes, límpido espelho de tua alma ardente, e oscilado com teus lábios tinnidos a balbuciar um mundo de ineffáveis venturas!...

Tive impetos de roubar-te, linda e mimosa flôrzinha, porém meu coração confrangeu-se ao recordar que, talvez, daria em causa a prantos e soluços a lembrança a tua perda; pois, quem sabe?... não significarias para o anjo que te escrevisse, um poema, cujas paginas immaculadas não foram ainda lidas e nem interpretadas, como o não serão talvez, porque encerram um mysterio, significam um enigma!...

Este escrúpulo justificavel impoz-me a resignação e o soffrimento de deixar-te ali occulta no teu mosteiro sanctuario, onde certamente, muitas e muitas vezes, receberás a visita casta, sincera e pura, de quem em ti, oh! singela flôr, personifica um ideal immenso de luz e de amor!

Fica, portanto, em paz, symbolo perfeito do coração que te possui e te idolatra; e possa ao menos o respeito que te consagrei servir para despertar na alma de tua predilecção um sentimento de sympathia para aquelle que, proscripto e isolado no profundo deserto da solidão, ergue dentro em seu peito um altar onde te adore, uma ara santa em que te consagre as agonias de sua desventurada e acanha existencia.

Como o sublime presbytero de Cantá, que votou seu amor a Deus — eu luto também dentro em minha alma com o impossível — que nenhuma natureza humana pôde superar, sem o auxilio nefasto e repulsivo do crime, esse eterno inimigo das consciências puras e das almas nobres; — inimigo que detesto e abomino, porque elle é negro como a treva que me horrorisa — porque molatro a luz, essa mãe carinhosa, e incansavel que na mente nos aquece a idéa, germinando o talento, a suprema glorificação das faculdades humanas!

Que me resta pois fazer?... Sofrer?... desesperar?... morrer?... —

Não; resta-me apenas sofrer, porque o soffrimento quando é nobre, é também um alento de vida, um alimento energico e instructivo do espirito, um purificador inimitavel da alma que, purificando-se na dor, eleva-se á altura edificante do sacrificio, que é o magestes triumpho da pusillanimo e miserima contingencia humana.

E o soffrimento, é o sacrificio que por si só são capazes de erguer a alma da creatura á perfeição de uma divindade, á eminencia de um apostolado, de que tantos exemplos fecundam nos forçamos a luminosa historia da humanidade.

Assim, nas luctricinas que encerras, oh! santo e mimoso livrinho, eu beberei as forças salutaras que devem alentar no meu peito o fogo sagrado da esperança, prometida por Deus aos que soffrem com paciência e não desespeream; e então talvez um dia, embora longe e emborçado nas caligens de um futuro desconhecido, eu possa, junto á alma que te escula, que te falta e acaricia, folhear as tuas paginas luminosas e radiantes de

poesia, e d'ente ellas, retirar a singela e casta
flôr que, em eterno e amoroso amplexo, parece
conservar com o teu calor a propria e perenne
vitalidade

Quando livrinho e adorado amor-perfeito,
adeos, mil vezes adeos!... Recebei estas palavras
desordenadas pelo impacto da paixão que me
avassala, que desvaia-me a razão, como a pro-
fissão de fé de uma alma heroica, que, paraphra-
seando o sacro hymno, então resignada e exami-
na-me: — *Felizes os que soffrem, porque elles serão
consolados.*

PANZY.

A VOZ UNIVERSAL

... Liberdade que sera tamen
Virgilius.

Um grito enorme e profundo
Rompe dos templos da idea !
Parte da massa do povo
Dade um incendio-se ateia...
E' o grito de uma nação
Que do palacio á herdade,
Que da aldeia a cidade,
Pede sua liberdade

— Ou mostra a revolução !

Sim ! o seculo que corre
Já muita luz derramou !
Já muito o povo aprendeu
No tempo que se passou !
Triste exemplo o do passado
Onde o direito divino
Era a lei... que o destino
Dava no berço ao menino
Como brilhante legado !

Felizmente a voz do povo
A's vezes se faz ouvir !
Quando succumbe e se avilta
E' p'ra mais alto subir !
Se ás vezes dorme, cuidado !
Pois se desperta é leão
E é sangrenta a reacção
Que resulta da inacção
Em que se vio mergulhado !

Quereis exemplos ? ! Olhae
Para os seculos que longe vão,
— Livro eterno em que se aprende
Pois o passado é lição !
Ahi lereis a verdade
Nas laudas da propria historia ;
Ahi vereis a memoria
Da oppressão e da victoria
Que tem tido a liberdade.

Quando o colosso romano
Já cahia apodrecido,
Vestido o manto dos Cezares
Pelos vicios corroído,
Nos confins da propria Roma,
Pelos reis escravizada,
A liberdade calcada
Era tambem proclamada
Por Jezus... que de lá assoma !

Quando mais tarde na Europa
Campeava a tyrannia,
Pois o direito era o abuso
E era lei a anarchia,
Dos povos na convulsão
O mundo via, aterrado,
Mais de um throno derribado...
Mais de um rei sacrificado
A' — densa — Revolução !...

A Inglaterra vio Carlos
Morrando no proprio sangue ;
Na França — no cadafalso
Um Bourbon rolou exangue
E sua mulher tão louça
Antonieta infeliz l...
Inunda o sangue Paris...
E mais tarde, Deus o quiz,
Cabe um tyranno em Sedan !

Na livre terra d'America
Onde no valle e na serra
O pendão da liberdade
E' idolo de toda a terra,
Onde um throno existe só l...
Surgio um rei desvaído,
Quiz um povo escravizado,
Mas por elle despresado
Cahio... e rolou no pó !

Quanto labor ! quanta lucta
Para alcançar a victoria !
Ah ! despotas que não poupaes
Nosso sangue em lucto ingloria !
Ingloria ? sim ! para vós,
Pois combateis pela traveja ;
Mas quando um povo s'eleva
E a liberdade o enleva
Faz tremer a sua voz !

A lei primeira do seculo
Diz sempre aos povos : marchar !
Tem como texto — o progresso —
Quar livres — povo e altar !
Rasga o manto do passado
Potendo desde o leito...
Ella proclama o direito,
Faz banir o preconceito
Deste mundo harmonizado !

Viandantes estorçados
 Dos alcantis do futuro
 Não respeiteis tradições
 De um passado tão obscuro!
 Levantai-vos, mocidade
 Ante o espectro do crime!
 A força, que nos opprime,
 Não resiste á lei sublime,
 Que proclama a liberdade!

Sim! ouço acordar o echo
 Um grito enorme e profundo...
 Clamor ingente do povo
 Repente em todo o mundo!
 Grito que vem da vaga
 Lá desperta a mocidade,
 Que nas azas da egualdade
 Pede nossa liberdade
 — Ou mostra a Revolução!

DR. ALFONSO ROCHA.

Ganha. S. Paulo. 1879.

O ATHEO

Celebra festa a Igreja. Em massa a clerecia
 Passa pelo templo alegre e deslumbrante;
 A musica sagrada, em côro de harmonia,
 Rebôa pelo tecto, aguda, estrepitante.

Ao pé da Cathedra, sentado em lagem fria,
 Um pobre estende a mão á tumba triumphante.
 Ninguém o vê, porém... Um vulto chega. Espia
 O templo. Após, na mão do sojo mendicante

Depõe algum dinheiro. O pobre, agradecido,
 Lhe diz n'um tom de voz intenso e commovido:
 — « Como eu sou grato a Deus pela esmola que me faz!... »

O vulto vai saindo; mas volta e ao desgraçado
 Diz, mostrando-lhe o templo em festa mergulhado:
 — « Tu Deus festeja e ri... só grato... a Satanaz!... »

SILVESTRE DE LIMA

REVISTA COMMERCIAL

SEGUNDA QUINZENA DO MEZ DE JANEIRO DE 1880

CÂMBIOS:

O mercado foi, em geral, durante a quinzena, pouco activo; de 28 a 30 as operações foram mais que regulares, fechando, porém, com transacções insignificantes. Tendo havido alguma falta de letras particulares, por falta de tomadores, tanto pelo estado do mercado do café, como pelas taxas estabelecidas, houve por estas circunstancias procura mais sensivel para o papel bancario.

O mercado fechou com as seguintes taxas:

Sobre Londres 23 1/8 d... a 90 d/v
 » Paris 111 por fr... »
 » Hamburgo 510 m... »
 » Portugal 232... a 3 d/v

O movimento da Bolsa foi menos que regular.

METAS:

Preços extremos — De venda — De compra — Negociada
 Maximo 118350 118140 118200
 Minimo 118060 108700 118000

FUNDOS PUBLICOS:

Cercas de 6 %) Maximo. 1:0085 1:0065 1:0085
) Minimo. 1:0045 1:0005 1:0005
 Ditas minutas) Maximo. — 1:0055 Par
) Minimo. — Par Par
 Ditas provinciaes) Maximo. 95 % 90% 90%
) Minimo. 92 % — —
 Em restimo Nacio) Maximo. 1:1455 1:1265 —
 nal de 1868) Minimo. 1:1405 1:1255 —
 Empréstimo Na) Maximo 94% 92 3/4% 92 1/2%
 cional de 1879) Minimo 92 3/4% 92 % —

LETRAS HYPOTHECARIAS

Do Banco do Brasil:

(2 c.) Preço minimo 88 % — —
 (3 c.) » » 88 % 78 % 82 %
 (11 c.) » » 90 % 84 % —
 (12 c.) » » — 60 % —
 Do Banco Predial » » 78 % 75 % 76 %

ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS

Bancos:

Brasil Preço minimo — 2615000 2605000 2655000
 Commercial » » 2085000 2015000 2085000
 Commercial » » 1825000 1785000 1805000
 Industrial » » 2105000 2065000 2085000
 Mercantil de
 Santos » » 2055000 2005000 2005000
 Ficticial » » 1345000 1255000 1295000
 Rural » » 2355000 2305000 2355000

Companhias d'estrada de ferro:

Leopoldina..	Preço minimo	195\$000	—
» Deb.	» »	200\$000	198\$000
Macaé e	» »	70\$100	62\$000
Campes....	» »	—	55\$000
» Deb.	» »	184\$000	—
S. Paulo e Rio	» »	—	10\$000
» Subs.	» »	—	—
Sorocabana:			
(Deb. de £ 50)	» »	82 %	70 %
(» 100\$000)	» »	62 %	55 %
União Mineira	» »	200\$000	—

Companhias de bonds:

S. Christovam.	» »	300\$000	250\$000	—
Urbanos(carris)	» »	200\$000	204\$000	205\$000

GENEROS

Café: As vendas, durante a quinzena, foram limitadas, e, não havendo accordo em preços entre os possuidores e exportadores, o mercado fecha em paralyção.

As entradas regularam-se:

Media diaria	5.200	saccas
Durante a quinzena	84.000	»
Durante o mez	453.000	»
Em igual periodo de 1894	228.000	»
Em ser.	344.000	»

Despacharam-se:

Durante a quinzena	80.161	saccas no valor de
rs. 2.654.376	\$770.	□
Em todo o mez	184.167	saccas no valor de
6.088.532	\$27025.	□

A sahida do artigo teve o seguinte destino:

EMBARQUES

Canal, Norte e Mediterraneo	saccas	34.116
Cabo	»	1.500
E. Unidos	»	5.118
Dif. portos	»	3.469
	Saccas	44.203

Assucar: O assucar branco de Pernambuco vai sendo retalhado em pequenas parcelas. Comquanto registremos vendas assim divididas, ainda assim têm estes gozado sahidas regulares, visto haver supprimentos do genero das centrais que se vendam com modicidade em preços. Continuam muito firmes os mascavos; os mascavinhos tambem se collocam facilmente. Nota-se alguma paralyção nas de Maceió; as vendas na quinzena deram o seguinte resultado:

Pernambuco.....	984	saccas
Maceió	419	»
Campes.....	6.000	»

Ficam em ser:

Pernambuco	2.000	»
Maceió	1.000	»
Campes	20.000	»

Cotamos:

Pernambuco, 2ª. sorte	305	não ha
» 3ª. »	270	a 330
» 4ª. »	270	a 272
» Semenos	—	não ha
» Mascavo	—	não ha
Maceió, branco	280	a 306
» mascavo	—	Nominal
Aracaju, branco	—	não ha
» mascavo	—	não ha
Campes, engenhos centrais	282	a 300
» Mascavinho	224	a 260
» Mascavo	170	a 210

Fumo: Tem-se conservado em apathia este mercado — fechando, porém, com alguma procura para fumos bons. As entradas do artigo e embarques têm sido regulares n'esta quinzena. O mercado acha-se abundante quanto a fumos baixos, havendo falta dos bons e superiores.

Os mercados consumidores do Imperio e Rio da Prata continuam suppridos; n'estes ultimos, porém, espera-se que as vendas se desenvolvam por todo o mez de Fevereiro.

O mercado fecha com as seguintes cotações:

Goyane	por kilo	1.300 a 1.500
Rio-Grande superior	» »	1.700
Comum	» »	600 a 800

Toucinho: O mercado acha-se calmo e com tendencia para baixa, fechando bastante supprido em qualidade regular, e falta do superior.

Os preços são os seguintes:

Superior	560 a 640	por kilo
Regular	400 a 500	» »
Baixa	300 a 400	» »

Queijos de Minas: Em consequencia do grande calor, o genero está chegando muito estagado. Os preços regularam-se de 300 a 1.200.

Carne verde: O gado passado em Barra Mansa, com destino a Maxambomba, regulou 14 arrobas gordo, sendo o numero de rezes 4.207 do meio. A media diaria do gado passado foi de 262 cabeças. O preço por arroba no praga, em Maxambomba, regulou de 5\$000 a 6\$000; e no mataleiro de 200 a 440 por kilo.

RENDIMENTO FISCAL

De 16 a 31 de Janeiro

Procedencias	Importancia
Alfandega	1.880.208\$908
Receita de	297.492\$749
Mesa Provincial	83.317\$991

Total...Rs. 2.260.199\$738

EXPEDIENTE

Rogamos aos cavalheiros, residentes nas provincias do interior, que se dignaram ficar com a nossa folha, a fineza de nos mandar satisfazer o importe da respectiva assignatura, a fim de não sermos forçados a sustar a remessa.